

LIA E IRENE: PERSONAGENS FEMINISTAS E SEUS PAPÉIS DURANTE A DITADURA

LIA AND IRENE: FEMALE CHARACTERS AND THEIR FUNCTIONS DURING DITACTORSHIP

Laís Gerotto de Freitas Valentim¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise comparada entre as personagens Lia, da obra *As meninas* (1973), de autoria de Lygia Fagundes Telles, e Irene, da obra *De amor e de sombra* (1984), de autoria de Isabel Allende, por meio de suas características. Ambas as personagens são feministas, papel importante desempenhado por elas nos livros, e têm em comum o fato de estarem inseridas no contexto histórico da ditadura respectiva de seus países, Brasil e Chile, vivenciando radicalizações políticas. Além disso, têm conflitos com suas mães e convivem com contrastes políticos e familiares de uma forma geral. Por ser um artigo decorrente de uma Dissertação de Mestrado, esta também consta nas referências bibliográficas. Os resultados da pesquisa apresentaram que tanto a ditadura quanto a teoria de personagens e o feminismo moldam Lia e Irene e seu respectivo núcleo, fazendo com que ambas confirmem o que pesquisamos: são mulheres que lutam contra o sistema opressor, podem representar as respectivas autoras e demonstram ser feministas pelas atitudes que tomam ao longo das obras. Tanto *As meninas* (1973) quanto *De amor e de sombra* (1984) representam momentos históricos dos países a que pertencem, no caso, Brasil e Chile, contendo em ambas as obras uma denúncia social muito forte e um passado opressor a que as nações foram submetidas.

Palavras-chave: *As meninas*; *De amor e de sombra*; Ditadura; Feminismo; Personagem.

Abstract: This paper aims to do a compared analysis between the characters Lia, of the opus *The girl in the photograph* (1973), written by Lygia Fagundes Telles, and Irene, of the opus *Of love and shadow* (1984), written by Isabel Allende, by your characteristics. The both characters are feminists, an important function played-out for them in the narratives. They are many shared characteristics as the dictatorship historic context of your countries, Brazil and Chile, that are experiencing political radicalizations. Furthermore, they are tussles with their mothers and they cohabit with persons that are many different political thoughts in general. By being an article resulting of a Doctoral Dissertation, this Doctoral Dissertation is known in the bibliographical references. The results of the research showed that topics as the dictatorship and the theory of characters and feminism shape Lia and Irene and their respective core, making both confirm what we researched: they are women who fight against the oppressive system, they can represent the respective authors, it is a possibility, and they demonstrate that they are feminists by the attitudes they take throughout the works. Both opuses *The girl in the photograph* (1973) and *Of love and shadow* (1984) represent historical moments of the countries to which they belong, in this case, Brazil and Chile, containing in both a very strong social denunciation and an oppressive past to which the nations were subjected.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, bolsista por mérito acadêmico. É Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), foi bolsista, nesse período, CAPES/PROEX. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UPM (2016). É graduada em Letras - Português/inglês, habilitação Tradutor/Intérprete - pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo - Unidade Brigadeiro (2013).

Keywords: *The girl in the photograph; Of love and shadow*; Ditatorship; Feminism; Character.

Recebido em 19 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 19 de novembro de 2024.

Introdução

Lygia Fagundes Telles² (São Paulo, 19/04/1918 – São Paulo, 03/04/2022) é autora, dentre outros, de *As meninas*, livro lançado em 1973. Começou sua carreira bem cedo; na infância e adolescência, já escrevia, porém, foi somente aos 20 anos, em 1938, que ingressou de fato na carreira literária, quando lançou *Porão e Sobrado* e, posteriormente, conseguiu reconhecimento com os seus trabalhos. *Ciranda de Pedra* (1954) é considerado o livro de sua maturidade literária por muitos, inclusive por Antonio Candido, além de ter sido escritora, trabalhou no IPREM-SP, era formada em Direito e Educação Física, ambos os cursos pela USP, e recebeu durante a sua carreira muitos prêmios literários.

As meninas é um livro que narra a história de três amigas – Lia, Ana Clara e Lorena - que moram em uma pensão paulistana na era da ditadura. Lia é militante de um grupo de esquerda, luta contra a ditadura, sendo perseguida por isso, gosta de ler Karl Marx, estuda Ciências Sociais e tem um namorado que está preso; ao final, após ser baleada segundo o relato de um terceiro, exila-se a fim de que possa ficar com Miguel, seu namorado; Ana Clara usa drogas e tem dúvidas com relação ao noivo e ao amante, pois não sabe com quem fica; já Lorena, interessa-se por artes e relaciona-se com um homem casado, mas mantém a virgindade, ficando presa a essa relação. As três dividem suas angústias, apoiando-se e mantendo a amizade apesar de tudo que enfrentam.

Isabel Allende³ (Lima, Peru, 02/08/1942) é autora do livro *De amor e de sombra*, lançado pela primeira vez em 1984. Seu ingresso na carreira literária foi com *A casa dos espíritos* (1983), com a qual foi muito aclamada pela crítica e já obteve reconhecimento desde então. Antes de ser escritora, foi professora e jornalista.

De amor e de sombra é a segunda obra da escritora e conta a história de Francisco Leal e Irene Beltrán, ambos são amigos inicialmente e trabalham juntos na mesma

² As informações de Lygia Fagundes Telles foram retiradas de sites como o da ABL e o do Instituto Moreira Salles, os quais constam nas referências bibliográficas.

³ As informações de Isabel Allende foram retiradas de seu site oficial, o qual consta nas referências bibliográficas.

redação de revista de moda; ele, como fotógrafo, e ela, como jornalista. Vindo de uma família unida, culta, humilde, sem recursos, contra a ditadura e anarquista, Francisco apaixonou-se por Irene, quem, a princípio, é noiva de Gustavo Morante, capitão do exército; desatenta ao mundo, sempre foi protegida pela mãe, com quem não tem uma boa relação, e tem uma família oposta à dele. Começam a investigar o sumiço da menina Evangelina Ranquileo e, em seguida, iniciam um relacionamento. Ao descobrirem o que houve com a menina e tantas outras pessoas, publicam as matérias contra o governo militar com todos os escândalos, passam a ser perseguidos, Irene é baleada em um atentado e são obrigados a exilarem-se.

O trabalho está dividido em resumo, introdução, breves considerações acerca da teoria de personagem, breves considerações acerca da teoria do feminismo, breves considerações acerca do contexto histórico da ditadura, ou seja, foi feito um resumo sobre o que foi este período ditatorial em ambos os países, Brasil e Chile, e, por fim, adentramos na análise das personagens e finalizamos com as conclusões. Utilizamos a metodologia bibliográfica durante o trabalho por acreditarmos que ela é relevante para essa pesquisa, essa pesquisa é um desdobramento da Dissertação “O casal de protagonistas em *De amor e de sombra*, de Isabel Allende: uma análise” e esta, conforme dito anteriormente, consta nas referências bibliográficas.

1 A personagem como elemento de estudo

Existem elementos dentro de uma narrativa que são o que a constitui, são eles: enredo, tempo, espaço, narrador, personagem. Este último servirá de análise para tal estudo. Sobre a personagem, em seu livro *Aspectos do Romance* (2013), Forster classifica-a como plana e redonda, sendo que, na primeira acepção, ela não muda conforme o enredo; já na segunda, há mudanças de comportamento e atitudes dela. Essa primeira classificação elementar é famosa, citada pelos demais estudiosos posteriores do assunto e que serviu de base para muitos deles. Além disso, o crítico inglês afirma também que o(a) escritor(a) compõe a espinha dorsal da narrativa, cuja história pode ser descoberta pelos leitores/ouvintes, revelando-lhes personagens capazes de nos provocar os mais diversos sentimentos (Forster, 2013).

Candido *et al* (2014), em *A personagem de ficção*, traz várias definições sobre personagem nos vários gêneros literários, sendo eles: épico ou narrativo, como fábulas,

epopeias, novelas, contos, crônicas, ensaios e romances; lírico, como odes, elegias, élogos - além de sonetos - e dramático, como autos, comédias, tragédias, tragicomédias e farsas.

Para o pesquisador, é indispensável a presença desses seres em todo tipo de ficção ainda que em níveis diferentes de relevância – segundo afirma, há personagens mais importantes e outras menos e a atuação de cada uma pode ser maior ou menor no enredo, dependendo do grau de importância que elas assumem (Candido *et al.*, 2014).

Brait (2017), em seu livro *A personagem*, diz que algumas personagens são tão marcantes que as pessoas esquecem que elas existem apenas no plano da ficção, considerando-as como pessoas de fato. Todavia, existem personagens que representam pessoas mesmo, ou seja, são representações de “personagens” da vida real. Também cita um caso de tamanha importância desse ser ficcional em que é possível recriar suas vidas - Sherlock Holmes, no exemplo dado por ela, tem um museu na Inglaterra dedicado a ele, onde é possível “adentrar” no seu mundo e os visitantes podem ver, assim como ter, objetos relacionados ao famoso detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle, como cartões postais.

A narração também é um fator importante mencionado por Brait (2017), pois ela afirma que sendo em terceira pessoa há total ciência por parte do leitor com relação aos fatos narrados e nenhum elemento na narrativa se perde; já na narração em primeira pessoa, a visão deste é parcial, pois parte de uma perspectiva do narrador-personagem, aquele que participa da história e conta os fatos de acordo com o que vivencia.

Tanto Forster (2013) quanto Candido *et al.* (2014) e Brait (2017) assumem que as personagens possuem relevância dentro de uma narrativa, o que determina a participação de cada uma dentro da narrativa é o nível de atuação delas e como o escritor (ou a escritora) conduz o enredo, ou seja, o foco é a personagem – e aqui também citamos o foco narrativo, que pode ser o ponto de vista da personagem ou da câmera, visto anteriormente – e também os demais elementos que compõem a história contribuem para tal destaque ou não dos seus envolvidos.

No próximo tópico, veremos considerações sobre o feminismo, movimento responsável pela luta à igualdade e, conseqüentemente, contra a opressão ditatorial.

2 O movimento feminista e sua resistência à ditadura

O movimento feminista foi importante para combater a ditadura militar, pois as muitas frentes de luta das feministas, tais como o direito ao voto, ao ingresso no mercado de trabalho, à igualdade social, racial, gênero, etc., foram importantes para que as mulheres lançassem-se contra qualquer tipo de violência durante esse período, seja ela psicológica, sexual, física. Periódicos feministas foram criados durante esse período, tais como *Brasil Mulher* (1975-1979), *Nós mulheres* (1976-1978) e *Mulherio* (1981-1987). Tanto no Brasil quanto no Chile havia denúncia de maus tratos dos militares nesses veículos, eles exigiam mudanças na sociedade patriarcal segundo as pesquisadoras Woitowicz; Pedro (2009) e Alves (2021).

Ainda segundo Woitowicz; Pedro (2000) e Alves (2021), estudantes aderiram à luta feminista e divulgavam manifestações que ocorriam, assim como mostravam às pessoas os jornais e revistas que tratavam do assunto; participavam também de reuniões acerca das pautas consideradas importantes na época: contra a ditadura, a favor da igualdade de gênero, raça, classe social e orientação sexual para que tais grupos minoritários⁴ fossem respeitados e tivessem voz ativa na sociedade.

De fato, foi muito importante o movimento feminista para muitos avanços da sociedade, ser feminista não é lutar contra os homens, mas contra todo um sistema opressor que se utiliza do gênero para se beneficiar. Na ditadura, os militares estupravam as mulheres e valiam-se da força física para machucá-las, não somente praticando violência física, mas psicológica e eram muito mais agressivos com mulheres do que com homens, tal como ocorre em *As meninas* (1973), por isso tudo e até os dias atuais, é preciso ressaltar a importância do feminismo. Os tópicos a seguir trarão mais discussões acerca do assunto.

2.1 As mulheres e sua luta contra a ditadura

As mulheres tiveram uma importante participação contra a ditadura – brasileira principalmente -, pois elas lutavam por direitos não só das mulheres, mas também da população de uma maneira geral, ou seja, em prol dos menos favorecidos. Na dissertação

⁴ Grupos minoritários no sentido de terem sido silenciados ao longo do tempo, são eles: mulheres, negros/índigenas, público LGBTQIAPN+, classes menos favorecidas, era por eles que o feminismo lutava.

de mestrado intitulada “Mulheres, militância e memória” (1996), a antropóloga Elizabeth Fernandes Xavier Ferreira (1996, p. 1. Grifos nossos) afirma:

A memória social brasileira ainda não recuperou o conteúdo de uma etapa importante da história recente do país. A versão oficial sobre esse momento encobre a de outros participantes, cuja contribuição para os acontecimentos daquele período torna sua interpretação insubstituível. A exclusão dos relatos desses agentes sociais do processo de reconstrução histórica dos vinte e um anos da ditadura militar aponta claramente para a relação de poder que está sempre em jogo, no curso da produção de memória e no da construção da história. Conseqüentemente, aponta também para a importância de se dar voz àqueles que o discurso oficial exclui. Dentro desse quadro, achei relevante trabalhar com depoimentos de indivíduos que tiveram participação ativa nos acontecimentos daquele período mas que, de certa forma, estão fora da história. *E como a categoria mulher é uma das que não têm registro histórico pertinente, considereí valioso o testemunho daquelas que militaram contra o regime. Trata-se de uma tentativa de resgatar parte do repertório sócio-cultural daquele período, através de suas lembranças e de suas histórias de vida.*

Sendo assim, as feministas tiveram importante papel nessa luta, ainda que muitas nem soubessem que eram feministas. Portanto, resgatar a memória desse passado e considerar o depoimento de mulheres como pertinente, segundo Ferreira (1996), é importante para entender o passado e aprender com os erros cometidos naquela época. Com grande luta destacada, o fato de historicamente terem sido “ignoradas” não exclui o fato de que pessoas do sexo feminino atuem politicamente no âmbito social e cultural, a exemplo do que afirma Ferreira (1996, p. 14. Grifos da autora):

A discussão sobre a participação diferenciada e desigual da mulher na vida social, sobretudo em sua dimensão política, é desenvolvida em outro ensaio dessa coletânea. Trata-se do “Politics and gender in simple societies” escrito por Jane Collier e Michelle Rosaldo (p. 275-327) introduzindo gênero como o modelo que revela as conexões entre as relações de produção, processos políticos e concepções populares sobre a “natureza humana”. Anteriormente, a própria Jane Collier, com o ensaio “Women in politics” (em *Woman, culture and society*, editado por M. Rosaldo e L. Lamphere, 1974, p. 89-96), já afirmara que o não-reconhecimento do papel político da mulher na sociedade e sua exclusão dos espaços públicos, por excelência, não anulava os efeitos “políticos” de sua atuação sobre e nas relações sociais, demonstrando, além do mais, que o momento de *crise* abria espaço para a ação e concorrência das mulheres, aspecto relevante para minha análise.

A luta política das mulheres, de uma maneira geral, sempre existiu embora tenha sido silenciada por períodos repressivos como o da ditadura, porém, elas estavam lá lutando por liberdade, direitos e um país mais justo. Algumas, como Lygia Fagundes Telles e Isabel Allende, foram atuantes na luta contra a ditadura, cada uma a sua maneira, por meio não só dos seus escritos, dando voz às personagens que relatavam suas

insatisfações, mas também participando de manifestos contra o governo, assinando documentos que relatavam o descontentamento da população com o regime e, ao mesmo tempo, protegendo a si mesmas, assim como suas famílias e amigos.

Nos artigos “O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo” (2000), de Karina Janz Woitowicz e Joana Maria Pedro, e “Feminismo e mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985” (2021), de Maria Elaene Rodrigues Alves, as três autoras fazem um panorama da luta feminista durante o período ditatorial no Brasil e no Chile. Baseando-nos nesses trabalhos, vejamos as características do movimento nos próximos parágrafos.

O feminismo no Brasil teve início na década de 1970 com a participação de mulheres exiladas; uma dessas brasileiras, Zuleika Alembert, criou um grupo feminista no Chile, o destacado Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, mas havia grupos similares em outros países. As pautas do movimento eram a luta pelo direito feminino ao corpo e à sexualidade; a luta pela igualdade de gênero e direitos; direito ao ingresso no mercado de trabalho; maior participação política feminina; implementação de políticas públicas para as mulheres, melhores condições de trabalho para estas, dentre outras. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, surgiram reuniões feministas que resultaram nas criações do Centro de desenvolvimento da mulher brasileira e no Centro da Mulher brasileira incentivados, principalmente, após a instituição do dia Internacional da Mulher pela ONU em 1975. Em 1980, surgiu o Primeiro Encontro nacional de mulheres na cidade de São Paulo.

As mulheres não tinham quem as apoiasse nem mesmo na imprensa, por isso, surgiram os primeiros periódicos feministas como o *Brasil Mulher* (1975-1979), o primeiro feito no Brasil, *Nós Mulheres* (1976-1978), *Mulherio* (1981-1987), etc. Também a imprensa feminista, assim como todo o movimento, divide-se em dois períodos: a primeira geração trata questões de classe e sociais, junto a isso, vem a posterior ruptura com os movimentos de esquerda; a segunda, que surgiu após 1980, trata de questões de gênero exclusivamente. O periódico *Brasil Mulher* fazia parte do primeiro período como um todo, pois é um “jornal para homens e mulheres e que trata da realidade brasileira e latino-americana.” (Woitowicz; Pedro, 2000, p. 47)

O feminismo no Chile tinha como características resistir à opressão do governo Pinochet; as mulheres lutavam por democracia e defesa dos direitos com uma dupla

militância – movimentos feministas e partidos de esquerda -; essas mesmas mulheres eram ativas na luta contra a ditadura, fazendo passeatas e protestos com atos de resistência. Houve quatro períodos na imprensa feminista: o primeiro com denúncia de violação dos direitos humanos; o segundo com temas específicos sobre mulheres; o terceiro com mulheres na política e o quarto com apresentação de propostas específicas de um governo civil. Algumas organizações foram criadas, como a ISIS Internacional (1970), o Círculo de Estudios de la mujer (1977), etc., sendo estes grupos políticos e feministas. O inimigo do movimento feminista chileno, segundo Woitowicz; Pedro (2000, p. 54), era o conservadorismo, principalmente da Igreja Católica, pois os membros que não eram a favor dessas ideias tão radicais - como proibição do aborto, dos direitos da mulher, etc.- sofriam algumas repreensões - veremos isso mais adiante em *De amor e de sombra*.

2.2 O corpo feminino visto como descartável e/ou pertencente aos homens

Em ‘ “Meu corpo, minhas regras!”: Michael Foucault, corpo da mulher e feminismo’, Lorena Ferreira Cronenberger (2019) revisita a teoria de Michel Foucault sobre o corpo das mulheres em que afirma que o corpo feminino é disciplinado, normalizado, pois produz saberes e técnicas, além disso, é um foco de práticas e discursos disciplinares e normalizadores para o saber médico, por exemplo, mas é importante frisar que de alguns anos para cá o número de mulheres na medicina aumentou. Ou seja, mais antigamente, o corpo feminino não era propriedade da mulher e sim de um homem – seja ele marido, pai, médico ou desconhecido, pois era visto como uma “máquina de reprodução” na qual muitos detêm o seu poder. Sendo assim, o sexo é uma das artimanhas em que o corpo é visto como um instrumento e um lugar político, com técnicas teóricas e sociais que produzem saberes e silenciam as mulheres. Foucault tem uma teoria complementar à do feminismo, pois questiona o poder dado ao homem com relação ao corpo da mulher.

Elizabeth Grosz (2015), em “Corpos reconfigurados”, complementa o pensamento de Foucault e faz mais considerações que veremos a seguir.

A aceção de corpo, segundo ela, é uma adoção acrítica do feminismo sobre o papel deste na vida social, política, cultural, psíquica e sexual da mulher. Grosz afirma que feminismo e filosofia fazem dicotomias, pois esta é uma consequência da sociedade,

machista e que permite pouco ou quase nenhum espaço às mulheres, além do quase não reconhecimento destas de uma forma geral – historicamente, pois esse cenário vem se modificando aos poucos. Então, para Grosz, enquanto o feminismo é mente, pensamento, razão e psicologia, a filosofia é corpo, extensão, paixão e biologia só para exemplificar alguns adjetivos dados por ela durante o artigo. Portanto, existe um dualismo entre ambos, já que afirma que há uma separação histórica entre as ciências naturais e humanas e ambos são substâncias mutuamente exclusivas e exaustivas, ou seja, corpo e mente não são miscíveis aparentemente.

Grosz (2015) entende que o corpo feminino é uma autojustificativa do pensamento misógino, pois coloca as mulheres em uma posição secundária, sendo que estas são vulneráveis às mais diversas formas de violência sexual e consideradas culpadas ao mesmo tempo. Existe então uma fragilidade em torno do corpo feminino, restringindo às mulheres ao papel de seres biológicos apenas e não-humanos. A filósofa e feminista acredita que o corpo da mulher traz um lado negativo, já dito anteriormente, que faz, muitas vezes, com que a mulher passe por constrangimentos, e um lado positivo, que propõe uma política de representação e funcionamento, sendo que homens e mulheres são diferentes biologicamente, mas que tais diferenças devem ser superadas – dentre elas, a maternidade, que não deve ser um fator de impedimento para pessoas do sexo feminino - e à mulher deve ser dada a chance de inserir-se no espaço social.

Portanto, a especificidade dos corpos que Grosz comenta é mais uma concretude histórica do que biológica. Importante lembrar que tanto Lia quanto Irene sofrem agressões pelo fato de serem mulheres, a tortura a que são submetidas e o fato de ambas sofrerem violência física – além de psicológica - faz com que os homens achem que seus corpos sejam vistos como descartáveis, frágeis, pois detêm total poder sobre eles.

A seguir, faremos um panorama sobre a ditadura no Brasil e no Chile e retomaremos a questão do corpo feminino na análise.

3 Ditadura: um pouco dos contextos brasileiro e chileno

Sabemos que a ditadura brasileira tem início em 31 de março de 1964 com o golpe dado no então presidente João Goulart, o qual foi destituído do cargo. O período durou até 15 de março de 1985, mas começou a ser articulado muito antes pelos militares: no ano de 1961, cujo presidente era Jânio Quadros, que renunciou ao cargo posteriormente

naquele mesmo ano, assumindo o seu então vice, João Goulart. O primeiro general da era ditatorial a comandar o país foi Humberto de Alencar Castelo Branco.

O Brasil teve como aliado no golpe o governo dos EUA, pois Jango, apelido de João Goulart, era considerado “muito esquerdista” não só pela direita brasileira – incluindo grande parte dos militares -, mas também pelo governo americano, o qual passou a financiar movimentos contra o então presidente do país. Durante a época ditatorial, houve sequestros, torturas físicas e/ou psicológicas, repressão aos meios de comunicação, censura à imprensa e aos livros, prisões, mortes e desaparecimentos de muitos que eram considerados “inimigos” do governo. O serviço de inteligência do governo era responsável por identificar esses “opositores”. Muitos artistas e escritores foram exilados para não sofrerem mais repressões, pois já tinham liderado e/ou participado de movimentos contra e sido presos. Porém, havia aqueles, como Lygia Fagundes Telles, que continuavam no Brasil fazendo seus manifestos contra os ditadores.

Além disso, as Universidades, locais onde muitos jovens de esquerda, feministas e algumas mulheres estudavam, demitiram professores apontados como comunistas por serem considerados um perigo à sociedade como afirma Elio Gaspari em seu livro *A ditadura escancarada*: “ Com o intuito de purificar as universidades, em abril de 1969 expurgaram-se 65 professores.” (Gaspari, 2002, p. 234).

Foi um período muito sombrio na história do país, em que famílias sofriam e instituições como escolas e Universidades, principalmente, eram motivo de visitas inesperadas de integrantes dos quartéis. Como cita Gaspari (2002, p. 12. Grifos nossos), “foram Anos de Chumbo”:

Escancarada, a ditadura firmou-se. A tortura foi o seu instrumento extremo de coerção e o extermínio, o último recurso da repressão política que o Ato Institucional nº 5 libertou das amarras da legalidade. A ditadura envergonhada foi substituída por um regime a um só tempo anárquico nos quartéis e violento nas prisões. *Foram os Anos de Chumbo*.

(...)

O Milagre Brasileiro e os *Anos de Chumbo* foram simultâneos. Ambos reais, coexistiram negando-se. Passados mais de trinta anos, continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro.

Falando sobre a ditadura chilena, teremos como base os livros *Democracia e Ditadura no Chile*, de Emir Sader (1984), *Allende e as armas da política*, de Joan Garcés (1993), e *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul*, de Roberto Simon (2021).

Salvador Allende, primo de Isabel Allende, venceu as eleições chilenas no ano de 1970, porém, desde que assumiu o cargo de presidente, seus opositores articulavam o golpe contra ele, sendo que o Brasil participou disso ativamente junto com os EUA, que foram os principais responsáveis por isso conforme menciona Simon (2021, p. 71) em sua obra: “ ‘O Brasil tem uma população maior que a da França e a Inglaterra juntas. Se nós permitirmos que potenciais líderes na América do Sul pensem que podem agir como o Chile e conseguir as coisas, teremos problemas.’ ”

Salvador Allende e João Goulart sempre tiveram uma relação cordial e amistosa, aquele tinha como base o golpe brasileiro dado neste como algo negativo na história da América do Sul. Além disso, tanto o governo de um quanto o de outro fez seus países começarem a prosperar de certa forma. Allende era socialista e almejava um país igual para todos, com incentivos à população menos favorecida, a exemplo da reforma agrária, dentre outros.

A ditadura chilena durou de 11 de setembro de 1973, data em que Allende sofreu o golpe - e, por pressão política, cometeu suicídio no mesmo dia -, até 11 de março de 1990. Durante esse período, Augusto Pinochet foi o único general a liderar o país, diferentemente do Brasil, em que havia troca de poder entre os militares. Foi um período que deixou muitas consequências aos chilenos:

O que estava presente no programa da Unidade Popular e nos sonhos de Allende como a aurora pacífica do socialismo no Chile seria a transição final da democracia, como realmente existiu no país, ao mais violento regime ditatorial que a sua história conheceu. O 11 de setembro de 1973 sepultou ilusões e fez o Chile e o mundo despertarem para o pesadelo do regime pinochetista. (Sader, 1984, p. 16)

Assim como em todo regime ditatorial, no Chile, havia censuras aos meios de imprensa, comunicação e aos livros, bem como mortes, desaparecimentos, sequestros, torturas físicas e/ou psicológicas e muita repressão. O serviço de inteligência tinha aliados nos demais países e cumpria seu papel de identificação a qualquer atividade ou movimento considerado suspeito. Universidades foram fechadas porque eram consideradas um lugar de ameaça ao governo, fora isso, houve muita repercussão fora do país com relação aos métodos empregados pelos militares e o comando de Pinochet:

AS INTERVENÇÕES MILITARES NA POLÍTICA INTERNA são frequentes. Raros são os países que não viveram esta experiência nas últimas décadas. Os demais países limitam-se, em geral, a mencioná-las e fazer registro delas. No entanto, a que

teve lugar no Chile em 1973 teve repercussões singulares. (Garcés, 1993, p. 57. Grifos do autor)

Seguiremos com a análise das personagens no próximo tópico.

4 Lia e Irene: personagens feministas à frente de seu tempo e contra a ditadura

Lia e Irene são mulheres que representam a luta feminista contra a ditadura, além disso, elas têm consciência de raça, classe, etc., e tentam fazer com que as pessoas que convivem com elas não sofram tanto as consequências negativas desse período. Engajadas socialmente, participam ativamente e estudam, pesquisam, investigam as coisas para que os seus respectivos países libertem-se dos sistemas opressores nos quais estão imersos. Além de protegerem àqueles que amam, elas protegem-se exilando-se para que não sejam mortas pelos militares.

Mais à frente, veremos como ambas atuam ao longo das obras e como tudo isso está atrelado a elas.

4.1 Lia: militância, feminismo e coragem

Podemos definir Lia como uma personagem plana, segundo Forster (2013), pois não há mudanças em seu comportamento ao longo da obra, do início ao fim, ela mantém-se engajada socialmente. Ainda assim, conforme definida por Candido *et al* (2014), é uma personagem impactante na obra e, talvez, uma porta-voz da autora, Lygia Fagundes Telles, pelo fato de reproduzir comportamentos contrários ao regime ditatorial, período a que Lygia era veementemente contra. Ao longo da análise, o leitor vai perceber que a narração, de acordo com a acepção de Brait (2017), é em 1ª pessoa, cujo leitor tem a visão da personagem em si, mas também em 3ª pessoa dependendo do fragmento; nesta, observamos que a visão do leitor é total com relação aos fatos e pensamentos da personagem, esse tipo de ocorrência utilizado por Lygia Fagundes Telles não costuma ser comum nos romances, mas é interessante quando nos deparamos com isso.

Lia era desde sempre uma jovem decidida e que lutava contra as atrocidades da ditadura, acreditava que a vida devia ser mais justa com todos e que o povo deveria lutar por seus direitos, além de preocupar-se com eles. Isso demonstrava que ela tinha uma

compreensão da vida diferente da dos demais, fazendo reflexões acerca da desigualdade que assola seu país como é possível ver abaixo:

Morrer. E estamos morrendo. Dessa ou de outra maneira não estamos morrendo? Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber e se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ô como o povo tem medo. A burguesia aí toda esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos, podem fazer as casas com as maçanetas de ouro, não só os talheres mas as maçanetas das portas. As torneiras dos banheiros. Tudo de puro ouro como o *gangster grego* ensinou na sua ilha. Intactos. Assistindo da janela e achando graça. (Telles, 1973, p. 9. Grifos da autora)

Militante, Lia era feminista – o fato de gostar de Simone de Beauvoir já era um grande indício - e de esquerda, como vemos nas seguintes passagens: “Lião curtia Simone de Beauvoir.” (Telles, 1973, p. 101) e continua: “Lião pode ir como bem entender uma intelectual de esquerda.” (Telles, 1973, p. 159), ela tinha certos conflitos com a família por conta de suas ideias, já que lia Karl Marx e seu pai era um ex-soldado nazista, tal como descrito abaixo:

Eh! Lião. Como herança do pai tinha o vigor germânico, andejo capaz de fome, inverno e tortura com travessia em rio coalhado de jacaré. Mas as proporções gloriosas herdou da mãe, proporções e cabeleira de sol negro desferindo raios por todos os lados, que fivela, que pente consegue prendê-la? O açúcar da voz quando está nostálgica também é esperança baiana. Compota de jaca. Mas o senhor Karl firme debaixo do braço, escondido e exposto, camuflado e exibido, que ninguém saiba que esta é a minha Bíblia! Teria ido até o fim? O pé alemão solidamente racionalista mas e o pé brasileiro? (Telles, 1973, p. 50)

Além disso, observamos a sua preocupação com o próximo, confirmando os seus princípios feministas. Confronta também os ideais de Madre Alix, freira da pensão onde mora, por acreditar que é preciso conscientização e mais luta por parte da religiosa para proteger a quem precisa:

(...) Essa sua política, por exemplo. Me pergunto se você está em segurança. - Segurança? Mas quem é que está em segurança? Aparentemente a senhora pode parecer muito segura aí na sua redoma mas é bastante inteligente pra perceber do que essa redoma está lhe protegendo. Alguns padres romperam o vidro como aquele de que falei. Por acaso estão em segurança? Não. Nem estão pensando em segurança quando se deitam no colchão sem travesseiro ou quando rezam suas missas num caixote feito altar. (Telles, 1973, p. 130-132)

Em outra passagem, continua seu argumento dizendo que a sua luta não será perdida e que Madre Alix precisa mudar sua postura, atitudes e ideias, ou seja, precisa lutar contra a opressão:

- Não sei explicar, Madre Alix, mas o que queria dizer é que embora resguardada a senhora luta a seu modo, respeito sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos aguentando. Um que fique tem que correr como um cão danado pra passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende. De mão em mão. É demorado mas não estamos mais com tanta pressa.

(...)

- Toma cuidado, Lia. Não quero que você sofra, toma cuidado, eu peço.

- Sou forte à beça. (Telles, 1973, p. 130-132)

Quanto à luta da Igreja, que teve grande participação na luta contra a ditadura, a protagonista confronta a mãe por saber que a instituição da qual ela faz parte tem um papel de destaque e decisivo muitas vezes de acordo com Gaspari:

A ditadura assumira o controle das chaves dos cárceres e dos cofres, os partidos políticos estavam inertes, a atividade parlamentar resumira-se ao exercício de investigação dos limites do Congresso, e os empresários faziam seus negócios no varejo enquanto seus órgãos de classe banquetavam o regime no atacado. Concluía-se o processo de desmobilização da sociedade brasileira. De todas as instituições de âmbito nacional e tradição política, só uma não coubera inteira no acerto: a Igreja. Seria exagero acreditar que toda a Igreja ficara de fora, ou até mesmo supor que ela tenha ficado sempre de fora. Pelo contrário. De 1964 a 1970 ela marchou ao lado do regime nos momentos decisivos, e a maior parte de sua hierarquia perfilou-se nos momentos críticos. (Gaspari, 2002, p. 241)

Lia deseja conscientizar as pessoas a respeito dos perigos que estão vivendo, aproveitando para conversar com as pessoas por meio de seus estudos e contribuindo também com a divulgação de manifestos e ideias considerados revolucionários, almejando também que os seus esforços permitam que as pessoas enxerguem os perigos aos quais estão submetidas:

Perguntei-lhe o que estava fazendo nas horas vagas, agora que Miguel estava preso. “Não tem horas vagas, entende. Distribuo panfleto, oriento um grupo de estudos e traduzo livros. Isso quando não aparece uma missão mais importante” insinuou amarrando os cordões das alpargatas.” (Telles, 1973, p. 102)

De certa forma, conforme visto anteriormente, Lia está contribuindo com a imprensa feminista na luta armada contra a ditadura não só ao argumentar com a mãe, mas também ao distribuir panfletos, orientar grupo de estudos e traduzir livros, o que fica

muito evidente quando isso tudo é afirmado por ela, pois é uma luta na qual se engaja e em que segue um ideal político. Posteriormente, é baleada e, ainda que este seja um relato de um terceiro, é possível percebermos a conturbada e aflitiva cena, que tem feridos:

E se eu telefonar? Aqui é a noiva dele. Avise que me atrasei porque sofri um ligeiro acidente e precisei prestar depoimento milhares de depoimentos. Comigo não aconteceu nada mas o padre. Por que padre? Fica mais raro. Não é toda hora que um padre tem a cabeça esmagada debaixo da roda. A batina preta. Terno preto com aquela coisa na gola acho bacana aquela coisa branca na gola. Mas gastou todo esse tempo? Não. Não é isso. O caso é que minha amiga Lia foi baleada. A guerrilheira. Guerrilheira é assim facilitou leva um balaço. Estou aqui no Pronto-Socorro tenho que desligar porque milhares de pessoas. Não sei que Pronto-Socorro é não sei. Como vou poder. (Telles, 1973, p. 158)

Tortura e morte estão atreladas à ditadura e, infelizmente, poucos militantes não sofreram com nenhuma delas; aqueles que sofreram tiveram danos material e moral, violentando a sociedade e ameaçando a vida dos seus cidadãos:

Entrando no cenário político ao lado da supressão das liberdades públicas, a tortura embaralha-se com a ditadura e torna-se o elo final de uma corrente repressiva radicalizada em todos os níveis, violentando a própria base da sociedade. Essa circunstância transforma a tortura, no seu conjunto, muito mais num elemento do jogo político do que num instrumento de processo investigativo. Quando tortura e ditadura se juntam, todos os cidadãos perdem uma parte de suas prerrogativas, e, no porão, uma parte dos cidadãos perde todas as garantias. Nesse processo a tortura assume a função de derradeiro sinal de perigo, alterando a própria percepção da cidadania. (Gaspari, 2002, p. 24)

Com tal cenário político na época, houve alteração no curso dos acontecimentos – exílio, por exemplo, como é o caso da personagem principal. Apesar disso, Lia é corajosa e enfrenta o sistema, além de não temer as consequências: “ANA CLARA fazendo comício. Lião fazendo comício. Mãezinha fazendo análise.” (Telles, 1973, p. 173. Grifos da autora). Em outra passagem, continua evidente o seu engajamento: “Tempo das pesquisas, Lião ainda não estava curtindo a revolução, estudava normalmente. Estatísticas. Formulários.” (Telles, 1973, p. 174). Por ser feminista e militante de esquerda, acaba sofrendo com a violência política ao sofrer o atentado, algo comum na época ditatorial às mulheres, pois o patriarcado é um sistema opressor; além disso, seu corpo é visto como algo menor e sem importância por ser feminino, cujo um homem pode deter poder total sobre ele (militares). Mas essas mulheres mantêm suas convicções e lutam por seus direitos e deveres como cidadãs:

A participação política das mulheres brasileiras nos anos de 1960 e 1970 foi diferenciada, como já referida. Em parte, deu sustentação à ditadura civil-militar, enquanto outras resistiram ao regime opressivo articulado pelo grande capital para ampliar seus níveis de exploração do trabalho. Esta resistência não ocorreu por um viés explicitamente feminista. As mulheres assumiram a condição de militantes das organizações de esquerda mais pela convicção política do que pelo fato de serem mulheres. (Alves, 2021, p. 56)

O exílio é a única solução que Lia encontra para não morrer a exemplo de muitos militantes no período da ditadura no Brasil, algo que a deixa triste, porém esperançosa por saber que assim estará em segurança: “- Bem, as coisas tomaram outro rumo, entende. Vou viajar, Madre Alix. Exterior. Por enquanto só posso adiantar isso.” (Telles, 1973, p. 126) e continua em outra passagem revelando para onde vai:

- Mas Lião, assim tão depressa? Vejo você aí falando mas pensei que fosse uma coisa remota, você disse que já tirou o passaporte?! Exterior?
- O lugar ainda é segredo, segredíssimo. Nem ao meu pai eu disse ainda, mando a carta de lá da Argélia. Lá espero por ele.
- Ele quem?
- O Miguel! O Miguel vai ser solto, vamos nos encontrar na Argélia, desembarco em Casablanca. E não me peça mais detalhes, os detalhes dou depois, fique com isto por enquanto, vou pra Argélia. (Telles, 1973, p. 193)

Portanto, Lia é uma feminista engajada na luta contra a ditadura e que desempenha um papel importante dentro da narrativa. Ela sabe que é preciso assumir riscos, como se exilar, para que as coisas melhorem. Sua luta, acredita, não foi em vão apesar de tudo.

4.2 Irene: luta, feminismo e engajamento social

Irene, de acordo com as classificações de Forster (2013), é uma personagem redonda, pois não se mantém a mesma do início ao fim, ela tem mudanças positivas. Como afirma Candido *et al* (2014), assume grande importância dentro do romance e também, assim como Lia, pode ser uma porta-voz da escritora Isabel Allende pelo fato desta ter sido contra o tempo inteiro a ditadura, além disso, é importante lembrar, Salvador Allende, seu primo, foi deposto e morto pelo regime militar. A família de Isabel Allende viveu um drama pessoal dos mais horrendos da história do Chile. Quanto à narração definida por Brait (2017), é em 3ª pessoa, já que o leitor fica a par de todos acontecimentos. Vejamos a sua análise abaixo, que muito se assemelha à de Lia.

Irene era uma mulher que gostava de viver modestamente e uma pessoa humilde, assim como achava que a mãe tinha preocupações frívolas, irrelevantes:

Irene lamentava as aflições de sua mãe por problemas vulgares. Era favorável a viverem em um lugar mais modesto e que toda a casa fosse dotada de condições para abrigar mais hóspedes, com o que poderiam cobrir folgadoamente suas despesas, porém Beatriz preferia se matar trabalhando e fazer toda espécie de malabarismos para não mostrar sua ruína. Abandonar a casa teria sido um reconhecimento público de pobreza. Mãe e filha eram muito diferentes na apreciação da vida. (Allende, 1991, p. 51)

Beatriz comemora o golpe militar, apoiando-os no poder e não enxerga a realidade que vive seu país porque não quer. Um dos motivos pelo qual não gosta de Francisco é a diferença de classes sociais entre ele e sua filha. Ela acha-o atraente e sedutor, mas considera-o com um status inferior ao de Gustavo Morante.

Muitos embates entre as duas eram por conta dessas questões: Beatriz querendo manter um status social que não tinha mais, o que para Irene era bobagem, e com ideias políticas diferentes da filha após esta perceber o perigo que o país vivia. Lia e Irene, então, assemelham-se nisso: são pessoas simples, que não gostam de viver no luxo desde que estejam confortáveis, e lutam por um país melhor. Porém, diferem-se na questão de como conduzem essa luta, pois Lia é militante desde o começo e Irene não.

Muito inteligente, decidida e profissional, Irene era audaciosa: “Apenas lembrava o nome de Irene Beltrán, uma jornalista que escrevia ali com bastante audácia, mérito raro naqueles tempos.” (Allende, 1991, p. 57). Conforme dito anteriormente, Irene era de família aristocrata e parecia, a princípio, não ter noção do que acontecia no seu país, porém, ela era uma pessoa extremamente sensível, perspicaz e observadora: a partir do momento que ela entende o que se passa no mundo da ditadura, percebe as coisas erradas e absurdas que acontecem, faz de tudo para combater isso e proteger àqueles que ama.

Irene e Francisco passam a investigar o caso Evangelina Ranquileo para a matéria ser publicada na Revista em que trabalham. É importante lembrar que o caso toma repercussão nacional após a investigação dos dois. Nossa protagonista, no início, era protegida e alheia aos problemas do mundo, preocupando-se com problemas irrelevantes:

Irene Beltrán viveu até então protegida numa ignorância angelical, não por inércia ou estupidez, mas por ser essa a norma em seu meio. Como sua mãe e tantos outros de sua classe social, refugiava-se no mundo ordenado e agradável do bairro alto, dos balneários privativos das canchas de esqui, dos verões no campo. Educaram-na para negar as evidências desfavoráveis, descartando-as como sinais enganosos. Teve uma vez a experiência de ver pararem um automóvel e vários homens se lançarem sobre um pedestre, fazendo com que entrasse à força no veículo; sentiu de longe a fumaça

das fogueiras queimando livros proibidos; adivinhou as formas de um corpo humano boiando nas turvas águas do canal. Certas noites ouvia a marcha das patrulhas e o barulho dos helicópteros zumbindo no céu. Abaixou-se para socorrer na rua alguém desmaiado de fome. (Allende, 1991, p. 127)

Irene muda ao conhecer Evangelina: a protagonista surpreende o leitor, passando a investigar o caso juntamente com Francisco, quem insistiu muito para que ela pudesse ver o que estava acontecendo além do seu mundo.

Como uma mulher corajosa e feminista, enfrenta os obstáculos e não tem medo do perigo, seja quando pede a Francisco para entregar as fitas mencionada anteriormente, seja em uma passagem em que briga com os comandados do exército para defender Evangelina Ranquileo. Os ataques de Evangelina atraem curiosos e como seu irmão Pradelio é do Exército, chama os seus colegas para irem lá presenciar o ocorrido com a menina, eles tentam contê-la com o treinamento que receberam – torturar, bater, etc. Chegando lá, Irene enfrenta-os corajosamente e Francisco tenta protegê-la:

- Selvagens! Animais! Não têm respeito? Não vêem que podem matar alguém?
Francisco correu para ela, convencido de que lhe meteriam uma bala entre os olhos, mas comprovou assombrado que o oficial ria.
- Não fiques nervosa, belezoca, disparamos para o ar.
- Por que me tuteias? E antes de tudo que fazem vocês aqui? – repreendeu-o Irene sem poder controlar seus nervos.
- Ranquileo me contou de sua irmã e eu lhe disse: lá onde fracassam os padres e os doutores, triunfam as Forças Armadas. Disse-lhe isso e por isso estamos aqui. Agora veremos se continua esperneando quando levar essa menina presa! (Allende, 1991, p. 83)

Após um desses ataques de Evangelina, o que se sucede é uma cena terrível em que o Tenente Juan de Dios Ramirez avança sobre a menina e ela atira-o aos protestantes, além de dar uns bons pontapés nele. Assustada, a Guarda vai embora. Irene lança a reportagem no jornal após isso e o caso fica conhecido nacionalmente. Há sinais de violência física no corpo de Evangelina em certa passagem do livro, algo recorrente na ditadura e, mais uma vez, confirmando que o corpo feminino é visto como propriedade masculina:

Em situações de violência do Estado, a exemplo das ditaduras na América Latina nas décadas de 1960 a 1980, as mulheres registraram a brutalidade das torturas de seus corpos na forma de estupros e outras violências de caráter sexual. (...) A dominação-exploração do sistema patriarcal se inscreve tanto no espaço familiar quanto na esfera política, sendo intrínseco às relações sociais. (Alves, 2021, p. 53)

Retomando a parte das investigações, quem também terá um papel decisivo para tais será Gustavo Morante. Ao visitar Irene no hospital após ela ser baleada pelos soldados do regime militar, Francisco conversa com ele:

Esqueceu por completo que o outro era um oficial do Exército e só pôde vê-lo como um homem sofrendo pela mulher que ele também amava.
- Quero saber o que aconteceu – pediu Morante inclinando a cabeça, descomposto.
E Francisco Leal lhe contou, sem omitir sua própria participação na descoberta dos cadáveres, esperando que o amor por Irene superasse a lealdade ao uniforme.
(Allende, 1991, p. 266)

Isso acontece por estar investigando as torturas, mortes e sumiços da Ditadura, em especial: a morte de Evangelina Ranquileo, o sumiço do tenente Pradelio Ranquileo e a morte do Sargento Faustino Rivera, sendo que este revelou a Irene ter sido Evangelina Ranquileo morta pelo tenente Ramírez. A cena em que a protagonista é baleada é comovente, pesada e triste:

Trinta horas depois da morte do Sargento Faustino Rivera, Irene foi baleada na porta da editora. Saía de seu trabalho, já tarde, quando um automóvel estacionado na calçada em frente pôs em marcha, acelerou e passou a seu lado como um vento fatídico disparando uma rajada de metralhadora antes de se perder no tráfego. Irene sentiu um golpe terrível no coração e não soube o que havia acontecido. Desmaiou sem um grito. Todo o ar se esvaziou de sua alma e a dor a avassalou inteiramente. Teve um instante de lucidez no qual conseguiu apalpar o sangue crescendo em sua volta, em um charco incontrolável e em seguida mergulhou no sonho. (Allende, 1991, p. 261)

O que se sucede a isso é o desespero de Francisco e dos demais que convivem com Irene. Francisco é quase um devoto a ela – existe aqui uma relação quase de adoração dele com a amada.

Desde o seu início, a ditadura chilena foi uma das mais sangrentas da história e podemos ver com a cena acima esse reflexo. Uma passagem do livro de Sader confirma isso:

No dia 11 de setembro de 1973 se substituiu assim o máximo de democracia política que o Chile havia vivido na sua história, pelo regime de ditadura militar mais feroz que até então se conhecia na América Latina. No duelo entre a revolução e a contra-revolução, esta última demonstrou naquele momento mais capacidade de compreensão sobre o caráter da crise chilena, maior decisão e força político-militar para resolvê-la em seu benefício. Abria-se no Chile o período da contra-revolução militar, pela mão das Forças Armadas dirigidas por Pinochet e a alta oficialidade, em aliança com o governo norte-americano e a grande burguesia chilena. (Sader, 1984, p. 36)

É importante dizer que Irene não participava de um movimento feminista como Lia, nem era tão militante quanto esta, mas teve papel fundamental quando denunciou os sumiços e mortes que descobriu, lutando assim contra um sistema opressor. Como visto anteriormente, Irene tinha certos engajamentos políticos, que eram de interesse da luta feminista. Nas décadas de 70 e 80, esta quando o livro foi lançado, começava a surgir uma imprensa feminista no Chile nesse sentido: o de combater as atrocidades da opressão ditatorial. Embora o movimento do feminismo chileno tenha sido um pouco diferente do brasileiro, havia algumas semelhanças, como as lutas isoladas das mulheres com a pauta política muito evidente – Irene era uma delas:

“O movimento feminista chileno, por sua vez, conforme se demonstrou neste artigo, irá apresentar uma dificuldade maior para expressar suas demandas específicas, devido à prevalência dos 'temas políticos' no interior do movimento.” (Woitowicz; Pedro, 2000, p. 53)

Após o ocorrido com Irene, ela se recupera lentamente e pede para que Francisco entregue as fitas com os depoimentos sobre os sumiços e mortes na Ditadura para o Cardeal da Igreja sem medo do que lhe pode acontecer:

As fitas gravadas por Irene Beltrán continham suas conversas com Digna e Pradelio Ranquileo, o Sargento Faustino Rivera e Evangelina Flores.

- Leve-as ao Cardeal para que as usem no julgamento dos guardas – pediu a Francisco.
- Tua voz está nelas, Irene. Se te identificam, será tua condenação à morte.
- Me matarão de todos os modos, se puderem fazê-lo. Deves entregá-las.
- Antes tenho que te pôr a salvo.
- Então chame Mario, porque esta tarde saio daqui. (Allende, 1991, p. 280-281)

Importante lembrar, como já dissemos, que a Igreja Católica teve uma participação importante na ditadura: muitos padres, bispos e cardeais eram contra o regime e lutavam como podiam, a exemplo do Cardeal e de José Leal, irmão de Francisco, padre e ex-seminarista embora temessem as consequências.

Ainda sobre essa questão das fitas, Francisco faz o que Irene pede e, em uma conversa com o Cardeal, combinam quando seria a entrega delas ao Tribunal Militar e de quanto tempo precisavam até que Irene pudesse se restabelecer e fugirem antes que fosse tarde.

Apesar de precisarem sair do país e para Irene, principalmente, ser algo muito difícil de lidar, nas páginas finais, percebemos uma angústia e, ao mesmo tempo, um alívio do casal por estarem a salvo, a tristeza toma conta pelo rumo que as coisas tomaram:

Na frente cavalgava o guia, atrás ia Irene e fechava a fila Francisco, sem tirar os olhos de sua amada, alerta a qualquer sinal de fadiga ou dor, mas a jovem não dava mostras de cansaço. Deixava-se levar pelo passo sereno da mula, os olhos perdidos na prodigiosa natureza que a rodeava, a alma em lágrimas. Ia se despedindo de seu país. Junto a seu peito, sob a roupa, tinha a bolsinha com terra de seu jardim que Rosa lhe enviara para plantar um não-me-esqueças do outro lado do mar. Pensava na importância de sua perda. Não voltaria a percorrer as ruas de sua infância, nem a ouvir o doce acento de sua língua nativa; não veria o perfil de seus montes ao entardecer, nem a embalaria o canto de seus próprios rios, não teria o aroma de alfavaca em sua cozinha nem da chuva se evaporando no teto de sua casa. Não só perdía Rosa, sua mãe, os amigos, o trabalho e seu passado. Perdía sua pátria.
- Meu país..., meu país... – soluçou. Francisco apressou seu cavalo e pondo-se a seu lado pegou-lhe a mão. (Allende, 1991, p. 301-302)

A cena é muito simbólica: Irene lembra-se de todos os momentos vividos, sente por deixar aqueles que amam, o seu país amado, que não era mais o mesmo, e as suas conquistas profissionais. Assim como Lia, de *As meninas* (1973), Irene é baleada e vai para o exílio, pois é a única solução que encontram para não serem mortas. Importante dizer também que ambas lutam contra o regime militar ao lado de seus namorados, que ficam exilados com elas no exterior, mas suas famílias não sabem e/ou não as apoiam na luta contra o regime ditatorial, a exemplo dos pais de Lia e da mãe de Irene, como vimos.

Após a morte de Salvador Allende, muitas pessoas foram exiladas, caso das protagonistas analisadas aqui, e outras escondiam-se nos mais diversos lugares como o Estádio Nacional conforme afirma Simon (2021).

Conclusões

Pudemos perceber ao longo da análise que as teorias de personagens revelam uma dinâmica dos enredos analisados aqui: Lia é uma personagem que não se modifica no decorrer do romance, ou seja, é plana, mas muito importante para a história, a narração mesclada (1ª e 3ª pessoas) permite que o leitor ora veja a obra sob a ótica da personagem, ora sob a ótica do narrador. Já Irene é uma personagem que se modifica, isto é, redonda, importante também para a narrativa, cuja narração em 3ª pessoa permite que o leitor observe tudo o que acontece com ela e ao seu redor.

O feminismo, tanto no Brasil quanto no Chile, e ainda que com algumas diferenças, contribuiu muito para a luta contra o regime militar, feministas tinham suas pautas sociais, de gênero, de raça e desejavam buscar mais liberdade, respeito e igualdade para todos. Mais do que isso, entender as teorias sobre o corpo feminino também

contribuiu para que o trabalho ficasse mais consistente e coeso. As mulheres sofreram as consequências de um regime opressor e patriarcal, conseqüentemente, em que violências físicas, abusos sexuais, dentre outros, eram comuns a elas; por conta disso, a imprensa feminista denunciava os horrores do período. Havia fragmentações dentro do próprio movimento feminista em ambos os países, já que alguns desses grupos eram mais políticos, outros mais pautados no feminismo, mas isso não diminuiu a sua importância no período.

Lia e Irene, como observamos, eram feministas e contribuíram, cada uma à sua maneira, com o fim da ditadura, elas representam dentro das obras a luta de muitas mulheres contra o regime ditatorial, principalmente as escritoras Lygia Fagundes Telles e Isabel Allende. Movimento opressor, a ditadura teve suas causas e consequências e deixou marcados na memória e no corpo as pessoas, os países e os acontecimentos; sendo assim, as escritoras Lygia Fagundes Telles e Isabel Allende expressaram a sua indignação e o que vivenciaram de certa forma nesse período em suas respectivas obras analisadas ao longo dessa pesquisa.

Referências bibliográficas:

ALLENDE, I. *Biografia*. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/> Acesso em 05 mar. 2023.

ALLENDE, I. *De amor e de sombra*. Tradução Sueli Bastos. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

ALVES, M. E. R. Feminismo e mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985. *Em Pauta (Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*. Dossiê: Movimentos de mulheres, feminismos e estudos de gênero. n. 47. v. 19. p. 50 -65. 2021. DOI: 10.12957/rep.2021.56080. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/56080/36713>. Acesso em 13 mar. 2023.

BRAITH, B. *A personagem*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 176 p.

CANDIDO, A. *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014. Coleção Debates. 128 p.

CRONENBERGER, L. F. “Meu corpo, minhas regras!”: Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo. *Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/243350/34941>. Acesso em 06 nov. 2023.

FERREIRA, E. F. X. Mulheres, militância e memória. *Dissertação (Mestrado em antropologia social)* – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/188048.pdf> Acesso em 05 nov. 2023.

FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. São Paulo: Globo Livros, 2013.

GARCÉS, J. *Allende e as armas da política*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Scritta Editorial, 1993. 335 p.

GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. 2ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 552 p.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, (14), 45–86. 2015. Tradução Cecilia Holtermann. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em 06 nov. 2023.

SADER, E. *Democracia e Ditadura no Chile*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 76 p.

SIMON, R. *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. *Coleção Arquivos da repressão no Brasil*. 491 p.

TELLES, L. F. *As meninas*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973. 257 p.

TELLES, L. F. *Biografia*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em 05 de mar. 2023.

TELLES, L. F. *Lygia Fagundes Telles*. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/lygia-fagundes-telles/>. Acesso em 20 maio. 2023.

VALENTIM, L. G. de F. O casal de protagonistas em *De amor e de sombra*, de Isabel Allende: uma análise. *Dissertação (Mestrado em Letras)* – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28853?show=full>. Acesso em: 29 jun. 2022.

WOITOWICZ, K. J.; PEDRO, J. M. O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. *Espaço Plural*, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 43–55, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/3574>. Acesso em: 13 mar. 2023.